

A poesia afrodescendente de Conceição Evaristo nos *Cadernos Negros*

The Afro-Descendant Poetry of Conceição Evaristo in *Cadernos Negros*

Jefferson Silva do Rego*

RESUMO: Na poesia de Conceição Evaristo, a identidade da mulher negra é tema recorrente. Seu lirismo combate os estereótipos no imaginário brasileiro em torno dessa mulher. Tal tema aparece nos primeiros poemas de Evaristo, publicados na antologia *Cadernos Negros*, revista que deu um relevante suporte à Evaristo, como poeta negra em início de carreira. Desse modo, no intuito de mostrar como Evaristo trabalha aquele tema em sua poesia, analisaremos três poemas seus publicados originalmente nos *Cadernos Negros*, quais sejam: “Para a menina”, “Vozes-Mulheres” e “A noite não adormece nos olhos das mulheres”. Como fundamentação teórica, serão importantes as contribuições de Sueli Carneiro (2007, 2019), Luiz Silva (Cuti) (2010), Eduardo de Assis Duarte (2005, 2007, 2011) e Djamila Ribeiro (2017, 2018).

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Evaristo; Racismo; Escrivência; *Cadernos Negros*.

ABSTRACT: In Conceição Evaristo's poetry, the identity of Black women is a recurring theme. Her lyricism combats stereotypes in the Brazilian imagination surrounding this woman. This theme appears in Evaristo's first poems, published in the anthology *Cadernos Negros*, a magazine that provided significant support to Evaristo as a Black poet at the beginning of her career. Therefore, in order to show how Evaristo addresses this theme in her poetry, we will analyze three of her poems originally published in *Cadernos Negros*: “Para a menina” (For the Girl), “Vozes-Mulheres” (Women's Voices), and “A noite não dormindo nos olhos das mulheres” (The Night Does Not Sleep in the Eyes of Women). The theoretical foundation will be based on the contributions of Sueli Carneiro (2007, 2019), Luiz Silva (Cuti) (2010), Eduardo de Assis Duarte (2005, 2007, 2011), and Djamila Ribeiro (2017, 2018).

KEYWORDS: Conceição Evaristo; Racism; Writing; Black notebooks four.

“Na escuridão da noite
meu corpo igual,
boia lágrimas, oceânico,
crivando buscas
cravando sonhos
aquilombando esperanças
na escuridão da noite”.
Conceição Evaristo

* Técnico em assuntos educacionais do Instituto Federal de Goiás. Doutor em literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. E-mail: entrecas@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9367-3292>.

1 Introdução

No meio acadêmico do Brasil contemporâneo, cresce significativamente o estudo da literatura escrita por mulheres negras. Nesse cenário, a escritora negra Conceição Evaristo vem ganhando um relativo prestígio, visto que sua obra tem sido lida e pesquisada nesse mesmo meio.

Na poesia de Evaristo, alguns temas são recorrentes, como sua afrodescendência e as lutas contra o racismo e o patriarcado. Assim, primeiramente, seu lirismo instaura uma retórica de resistências, atentando-se ao dismantelamento dos estereótipos no imaginário brasileiro em torno das pessoas negras afrodescendentes. Ora, ao abordar a vida e as jornadas diaspóricas de pessoas negras afrodescendentes no contexto do Brasil contemporâneo, a poesia de Evaristo aborda as lutas, os embates e as resistências ligados às mulheres negras afrodescendentes. Desse modo, essa poesia, ao ser fruto da escrevivência de Evaristo, aborda a vida e as trajetórias diaspóricas dessas mulheres. Ou seja, tal poesia é uma expressão de releitura/reescrita de arquivos pessoais e/ou familiares sobre a imagem da mulher negra afrodescendente, no processo histórico brasileiro, configurando-se como uma desmontagem crítica de arquivos, bem como seu reordenamento em novas constelações.

No intuito de mostrar como Evaristo trabalha os temas supracitados em sua poesia, analisaremos três poemas seus, quais sejam: “Para a menina”, “Vozes-Mulheres” e “A noite não adormece nos olhos das mulheres”. Como fundamentação teórico-metodológica, serão importantes as contribuições de Sueli Carneiro (2007; 2019), Cuti (2010), Eduardo de Assis Duarte (2005; 2007) e Djamila Ribeiro (2017; 2018).

Em 1978, com o surgimento dos *Cadernos Negros* (1978), nasciam também muitos sonhos e a esperança de uma geração que queria mudar uma sociedade racista. Os *Cadernos Negros* são uma publicação coletiva e anual, organizada pelo grupo paulista Quilombhoje Literatura. Esse grupo foi fundado por Luiz Silva (mais conhecido por seu nome artístico, Cuti), Mário Jorge Lescano, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues, entre outros(as) escritores(as), com os objetivos de aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura, incentivar o hábito de leitura e desenvolver estudos

(pesquisas e diagnósticos) sobre a literatura e a cultura negras. Para tanto, tem promovido cursos, seminários e debates junto a instituições que se interessem pela literatura negra afro-brasileira.

A origem do nome da série *Cadernos Negros* foi explicada por Cuti, em palestra na FALE/UFGM, em 04 de outubro de 2007. *Cadernos Negros*, a princípio, era um espaço experimental, por isso o nome “Cadernos”. Este espaço experimental aos poucos sofreu alterações em sua configuração inicial.

O primeiro número dos *Cadernos Negros*, publicado em 1978, reflete uma época em que o Brasil ainda vivia sob os domínios da ditadura militar. Assim, juntamente a uma efervescência de movimentos sociais – de trabalhadores e estudantes, principalmente –, havia também uma fértil ebulição de novas ideias. E é neste ambiente que nasce a série *Cadernos Negros*, que tinha como meta permitir que os escritores(as) negros(as) se vissem representados(as) pelo próprio olhar afro.

Ora, o negro estava presente na literatura brasileira tradicionalmente como tema e não como agente. Ser agente de sua própria história: este desejo tem atravessado a trajetória da série *Cadernos Negros*. Até o momento, foram publicadas trinta antologias: quinze dedicadas a contos e quinze a poemas. Os números ímpares correspondem à publicação de poemas e, os pares, de contos. Tal série tem sido objeto de diversos trabalhos acadêmicos. No próprio site do Quilombhoje Literatura, estão postadas teses e dissertações sobre os *Cadernos Negros*, mostrando que são de significativa relevância para a produção e difusão dessa literatura, o que tem contribuído para a resistência da cultura negra.

Cuti (1978) diz: “A melhor ousadia nossa é não esperar”. Foi com esse pensamento que Cuti esquadrinha estratégias para inserir os negros no mercado editorial brasileiro. Seu planejamento começa com a arrecadação de fundos para viabilizar a impressão do volume. No ano seguinte à publicação, surge o coletivo criado inicialmente por Abelardo Rodrigues, Cuti, Mário Jorge Lescano, Paulo Colina e Oswaldo de Camargo, tendo como objetivo continuar a publicação da coleção anteriormente criada, bem como criar um espaço de sociabilidade negra e de difusão da cultura negra por meio da literatura.

É importante ressaltar que, embora a participação feminina fosse reduzida, o grupo Quilombhoje foi crescendo e, com ele, a antologia, e também a

participação feminina. Ao longo do tempo, as mulheres encontraram nos *Cadernos Negros* um importante porta-voz para o movimento feminista.

Os *Cadernos Negros*, assim como os jornais de imprensa negra surgidos no decorrer do século XX, tinham como inimigos a falta de recurso e a invisibilidade do intelectual negro dentro dos círculos hegemônicos. Essas duas variáveis contribuíram para a não preservação/viabilização de um acervo tão robusto quanto da mídia tradicional que servisse como fonte histórica. Miriam Alves destaca como a literatura afro-brasileira sofre com essa invisibilidade intelectual:

A produção literária de autores e autoras negras vive em verdadeiros sacos de varas. Primeiro é acusada de essencialismo, depois é punida com o anonimato. Trata-se de um anonimato complexo, que retira a legitimidade do negro como escritor. A esse escritor é reservado um lugar de objeto de estudos no discurso dos pesquisadores, ou seja, alguém que só tem existência através do agenciamento do outro [...]. Na verdade, existe a prática de defender o status quo da literatura e a visão de que é um lugar reservado a determinados assuntos, específicos das suas formas de abordagens. (Alves, 2002, p. 235.)

Ainda sobre o primeiro exemplar da coleção, é possível analisar a organização do movimento negro e como a circulação de ideias estava presente dentro da realidade de nossos autores. Nas primeiras linhas, é possível ler:

Estamos no limiar de um novo tempo. Tempo de África, vida nova, mais justa e mais livre, e inspirados por ela, renascemos arrancando as máscaras brancas, dando fim a imitação. Descobrimos a lavagem cerebral que nos poluía e estamos assumindo nossa negrura bela e forte. Estamos limpando nosso espírito das ideias que nos enfraquecem e que só servem aos que querem nos dominar e explorar. (Duarte, 2011, p. 272.)

2 Empoderando o cabelo preto da menina

Para Sueli Carneiro (2019), as diferenciações acabam fragmentando a identidade negra e coibindo que ela se aglutine em um sujeito coletivo demandador de direitos. Ora, ela lembra que, assim como o mito da democracia racial, a miscigenação brasileira foi apresentada como um fenômeno social harmonioso, no qual pessoas brancas e negras se envolviam amorosamente e construíam famílias juntos. Entretanto, o que a história tem a nos mostrar é que

a miscigenação brasileira nasce do estupro de escravas e indígenas, vítimas de senhores de engenho, patrões e colonizadores (Carneiro, 2019). Sobre a necessária assunção de uma afrodescendência, podemos observar o poema “Para a menina”, de Evaristo, publicado originalmente nos *Cadernos Negros*, número 21, sob organização do Quilombhoje de São Paulo, em 1998:

Para a menina

Para todas as meninas e meninos de cabelos trançados ou sem tranças

Desmancho as tranças da menina
e os meus dedos tremem
medos nos caminhos
repartidos de seus cabelos.

Lavo o corpo da menina
e as minhas mãos tropeçam
dores nas marcas-lembranças
de um chicote traiçoeiro.

Visto a menina
e aos meus olhos
a cor de sua veste
insiste e se confunde
com o sangue que escorre
do corpo-solo de um povo.

Sonho os dias da menina
e a vida surge grata
descruzando as tranças
e a veste surge farta
justa e definida
e o sangue se estanca
passeando tranquilo
na veia de novos caminhos,
esperança. (Evaristo, 2017, p. 36.)

O poema “Para a menina”, de Evaristo, tematiza questões relacionadas à etnia e ao gênero, tendo como tema principal a reconstrução histórica da identidade das pessoas negras afrodescendentes, sobretudo, da mulher negra (Cerqueira, 2022, p. 91). Logo, esse poema consiste em uma homenagem à juventude negra afrodescendente do Brasil, pois, em várias passagens, há referências ao nosso passado histórico marcado pela escravização de negros(as) oriundos(as) de África.

Já na dedicatória e nas duas primeiras estrofes desse poema, a voz poética combate os estereótipos em torno do cabelo da menina negra, o que contribui para sua autorrepresentação positivada. Isto é, tendo em vista a escrevivência

como elemento norteador da poética de Evaristo, o eu-lírico desse poema detalha alguns cuidados para com a menina negra afrodescendente, possivelmente filha da poeta. Assim, cada estrofe indica um tipo de cuidado para com a filha em tenra idade. São atividades cotidianas que os pais (no caso, a mãe) executam e que são retomadas: desfazer as tranças, dar banho, vestir, alimentar e sonhar um futuro melhor para a filha.

Desse modo, uma questão torna-se urgente: como se dá a maternidade/paternidade para pessoas negras que sofreram e sofrem a violência racial? Ora, sabemos que ela pode se dar sob a ótica do medo de que essa violência incida sobre seus descendentes. No capítulo seis, chamado “Políticas do cabelo”, Grada Kilomba (2019) diz que, para diversas mulheres negras, as mensagens que degradam a sua estética de beleza natural são aprendidas desde a infância, nos programas televisivos, nas escolas, nas redes sociais de parentesco e amizade. São essas construções, em que seu cabelo crespo é visto como exótico, feio e sujo, que alimentam o processo violento do alisamento, numa tentativa de apagar a imagem a que foram submetidas. O tocar invasivo em um cabelo crespo sem pedir permissão e as perguntas sobre como se lava o cabelo crespo são arsenais perversos da face do racismo no dia a dia.

Por outro lado, assumir o cabelo crespo torna-se sinônimo da conscientização política identitária da mulher negra. Nesse capítulo, ao abordar as percepções da beleza feminina negra, como as questões relacionadas aos cabelos, Kilomba (2019) analisa as experiências de violência e opressão que incidem sobre a imagem e a identidade de mulheres negras entrevistadas, ressaltando que existe “uma relação entre a consciência racial e a descolonização do corpo negro, bem como entre as ofensas racistas e o controle do corpo negro” (Kilomba, 2019, p. 128). A autora desmonta, de modo incisivo, a normalidade do racismo, expondo a violência e o trauma de ser colocada/o como Outra/o diante do racismo, essa matriz violenta e fundadora da violência estrutural e estruturante das relações sociais.

Djamila Ribeiro (2018) também aborda essa questão do cabelo das mulheres negras. Valendo-se de episódios de racismo marcantes em sua biografia, ela relata casos em que sofreu discriminação e bullyings por causa de seus cabelos crespos e negros e da cor de sua pele negra:

Meu pai, autodidata e militante comunista e do movimento negro, exigia que tirássemos boas notas e nos obrigava a ir à escola sem falta. Mas eu me perguntava se ele sabia o que acontecia lá. Se entendia quão difícil era aturar os xingamentos diários. Senti raiva dele muitas vezes, como quando dizia que eu devia ter orgulho das minhas raízes e me proibia de alisar o cabelo. “Isso porque não é no seu cabelo que eles escondem borrachas”, eu pensava. “E orgulho de quê? De ser a neguinha feia do cabelo duro?” Eu não compreendia por que meu pai insistia em dizer que meu cabelo era lindo, em vez de simplesmente atenuar meu sofrimento permitindo que o alisasse. Eu chegava a colocar toalhas na cabeça quando estava em casa para simular fios mais longos. Com o tempo, ele cedeu, e minha mãe alisava meus cabelos e os da minha irmã em casa. Era um ritual de tortura, no qual ela acendia uma boca do fogão, deixava o pente de ferro ali até ficar pelando e passava nos fios. Aquilo era comum, mas inúmeras vezes o cabelo queimava: você sentia o cheiro e via os fios se desfazendo. Podia-se até queimar o couro cabeludo nos piores casos. A vontade de ser aceita nesse mundo de padrões eurocêtricos é tanta que você literalmente se machuca para não ser a neguinha do cabelo duro que ninguém quer. (Ribeiro, 2018, p. 10.)

Na segunda estrofe do poema “Para a menina”, o eu-lírico diz que, ao lavar o corpo da menina, suas mãos tropeçam devido às “dores nas marcas-lembranças/ de um chicote traiçoeiro”, aludindo aqui ao sofrimento causado pelo trabalho dos capatazes, que, recorrentemente, espancavam as pessoas negras escravizadas. A terceira estrofe desse poema é emblemática da poesia de Evaristo, pois o eu-lírico traça um paralelo entre o vermelho da veste da menina e o vermelho do sangue dos negros afrodescendentes – ou seja, o vermelho dessa veste suscita e se confunde com o vermelho do sangue dos(as) negros(as) afrodescendentes: “e aos meus olhos/ a cor de sua veste/ insiste e se confunde/ com o sangue que escorre/ do corpo-solo de um povo” (Evaristo, 2017, p. 36).

Para Cecy Barbosa Campos (2010, p. 277), no poema “Para a menina”, a escrivência de Evaristo aborda o coração de uma mãe, ansioso e preocupado com o futuro da filha. Com carinho, ela cuida da menina, lavando-a e vestindo-a com mãos trêmulas que sentem marcas de cicatrizes antigas fixadas em sua alma. Por sua própria experiência, sabe que a jornada a ser enfrentada não será fácil e isto a assusta:

Preso às lembranças doloridas dos açoites que a atingiram traçoeiramente, vê na menina símbolo de um povo e a poeta passa da representação individual para a representação dos afrodescendentes, que tiveram suas vidas marcadas por sofrimento e sangue.

Entretanto, a esperança de um futuro melhor, com novos caminhos se abrindo, sobrepõem-se às lembranças do passado e estanca o sangue das feridas não cicatrizadas. (Campos, 2010, p. 277.)

No entanto, o que norteia o poema “Para a menina” não é o temor da jornada; antes, é a esperança de um futuro melhor, o que ratifica o juízo de Juliana Morais (2018, p. 65), segundo o qual a perspectiva da esperança é recorrente na poesia de Evaristo; de sorte que, aqui, o eu-lírico projeta sua esperança de um mundo mais harmônico, asseverando que sonha com um futuro melhor para a menina negra, posto que: “a veste surge farta/ justa e definida/ e o sangue se estanca/ passeando tranquilo/ na veia de novos caminhos,/ esperança”.

3 Essas vozes são de mulheres negras

Segundo Eduardo de Assis Duarte (2007), Conceição Evaristo, em 1980, toma conhecimento das atividades do Grupo Quilombhoje e da publicação, em São Paulo, da série *Cadernos Negros*. Esse é um momento de efervescência dos movimentos sociais pela igualdade racial, com mobilizações nas principais capitais brasileiras. Em 1990, o número 13 dos *Cadernos Negros* publica “Vozes-mulheres”, poema que até hoje figura como uma espécie de manifesto-síntese da poética de Evaristo:

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
coou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoar versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade. (Evaristo, 2017, p. 24.)

Duarte (2005, p. 115) identifica um processo de revisão da historiografia literária brasileira protagonizado por integrantes dos movimentos feminista e negro: “No decorrer dos anos 80, a postura revisionista ensaia seus primeiros passos na academia pelas mãos do feminismo, bem como a partir das demandas oriundas do movimento negro e da fundação no Brasil de grupos como o Quilombhoje”.

A partir disso, Heleine Fernandes de Souza (2020, p. 41) frisa que, apesar das transformações que vêm ocorrendo nos Estudos Literários desde os anos 1980, com o florescimento dos estudos sobre literatura afro-brasileira e com a maior visibilidade de autoras brancas, a produção literária de mulheres negras se manteve em um lugar de pouco prestígio. Sobre as eventuais razões desse fato, Souza (2020, p. 41) aponta para a organização estrutural da sociedade brasileira, visto que mulheres negras sofrem de uma dupla exclusão, pois encontram-se em um lugar minoritário devido ao gênero e à raça, que, no Brasil, favorece um outro fator de exclusão, o de classe social. É nesse sentido que Neusa Sousa (1983, p. 20) afirma:

Apesar de estar fundamentada em qualidades biológicas, principalmente a cor da pele, raça sempre foi definida no Brasil em termo de atributo compartilhado por um determinado grupo social, tendo em comum uma mesma graduação social, um mesmo contingente de prestígio e mesma bagagem de valores culturais.

Dessa maneira, no Brasil contemporâneo, as mulheres negras geralmente têm suas trajetórias de vida determinadas pela interação entre as categorias de gênero, raça e classe, o que impõe barreiras sociais significativas e frequentemente as invisibiliza. Nesse sentido, Carneiro (2007) assevera que, ao revisitar a história da mulher negra em nosso país, trazemos à memória a história de um ser de alma devastada e dilacerada pela dor proveniente das humilhações e punições, visto que carrega, ao mesmo tempo, uma cor de pele e um sexo considerados marca do pecado original.

Apesar desse histórico brasileiro marcado por dilemas e opressões diversas, a mulher negra brasileira (afrodescendente) resistiu e continua (re)existindo. Desse modo, na cena literária do Brasil contemporâneo, Maria da Conceição Evaristo é uma escritora negra que vem ganhando prestígio progressivamente. Nascida em 1946, na favela Pindura Saia de Belo Horizonte, Evaristo mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, em 1970, onde ingressou no magistério público.

Um traço característico da poesia de Evaristo é a abordagem do tema da exclusão social, política e econômica operada historicamente àquela(es) provenientes da diáspora africana no contexto brasileiro. Logo, seus poemas são ancorados na memória e na experiência concreta da mulher negra. Dessa forma, apresentando uma contrafala ao discurso do poder, Evaristo fundamenta seu projeto literário – a escrevivência –, consolidando uma perspectiva feminina e afrodescendente em sua poética:

Sendo as mulheres negras invisibilizadas, não só pelas páginas da história oficial brasileira, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos de segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala e um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. (Evaristo, 2005, p. 205.)

É nesse sentido que Evaristo opta pela demarcação das especificidades da mulher negra afro-brasileira, postura essa que se distingue de uma narrativa

fundacional de veio nacionalista tal qual o projeto do Romantismo oitocentista brasileiro; um nacionalismo e uma metanarrativa que tentaram abrigar pacificamente as diferenças, apagando o legado histórico de expropriações vivenciadas pelas mulheres negras afrodescendentes.

Dessa forma, a poesia de Evaristo, por um lado, textualiza as dores do passado, porque não devemos esquecer-las. Mas, por outro, há um tom esperançoso nessa poesia, apontando para o desejo de construção de um futuro melhor, em um projeto estético que busca fortalecer a identidade das pessoas negras, sobretudo da mulher negra, constituindo, assim, uma identidade mais coesa do ponto de vista ético e histórico. Ou seja, a poesia de Evaristo elabora denúncias contundentes da exclusão da comunidade negra, mas não esquece de considerar uma longa história de lutas e resistências dessa comunidade. E é isso que gesta a esperança de mudança das condições sociais.

O título no plural desse poema, “Vozes-Mulheres”, remete-nos à ideia de representatividade das mulheres mediante o uso de sua voz e nos lembra de que o silenciamento e o apagamento dessas vozes sempre imperou ao longo da história brasileira. Logo, esse título evoca um elemento muito importante da literatura de Evaristo: a exaltação da voz das mulheres, sobretudo quando se trata de mulheres negras, que, em nossa sociedade, sempre foram silenciadas e excluídas.

Nos cinco primeiros versos desse poema de Evaristo – “A voz de minha bisavó/ ecoou criança/ nos porões do navio./ ecoou lamentos/ de uma infância perdida” – há uma alusão direta ao passado do eu-lírico, no qual sua bisavó ecoou lamentos de uma infância perdida nos porões de um navio. Aqui, podemos inferir que sua bisavó foi uma negra escravizada, que veio da África em um navio português. Isto é, nesse poema, o eu-lírico começa recordando a voz de sua bisavó que, por ter perdido a infância devido à escravização, ecoou lamentos nos porões de um navio negreiro.

Na segunda estrofe do poema “Vozes-Mulheres” – “A voz de minha avó/ ecoou obediência/ aos brancos-donos de tudo” –, vemos que a avó do eu-lírico (assim como sua bisavó) também foi uma mulher negra escravizada pelos brancos portugueses. Destacamos aqui a palavra “obediência” e a expressão “brancos-donos de tudo”, pois precisamos ter em mente que a aludida obediência, muito

provavelmente, é resultante da violência imposta pelos portugueses, que são justamente os “brancos-donos de tudo”, aludindo ironicamente à ideologia nefasta que sustentou o processo colonizador no Brasil.

Na terceira estrofe desse poema de Evaristo, a voz poética aborda a voz de sua mãe, voz esta que já não é tão obediente quanto a voz da avó, pois: “ecoou baixinho revolta”. No entanto, vemos que a voz dessa mãe já não está mais na senzala, e sim “no fundo das cozinhas alheias/ debaixo das trouxas/ roupagens sujas dos brancos”, mostrando que a exploração dessas mulheres vai se reconfigurando no decorrer do tempo, de acordo com as mudanças da vida social. Os dois últimos versos dessa estrofe confirmam o destino para onde se locomoveram os(as) escravizados(as) após a abolição formal da escravatura: “pelo caminho empoeirado/ rumo à favela”.

Logo, o poema “Vozes-Mulheres”, aborda diretamente a colonização portuguesa, a escravização de pessoas negras trazidas ao Brasil em navios negreiros, bem como as consequências tenebrosas desses eventos no Brasil contemporâneo. De modo mais específico, ao aludir à trajetória diaspórica de mulheres negras no processo histórico brasileiro, esse poema expõe e destaca a relevância das vozes dessas mulheres.

Desse modo, vemos que o tema da memória, presente na escrita de mulheres negras afrodescendentes, é uma forma de propor uma revisão da história e contribuir para a afirmação da identidade afro-brasileira, já que, conforme afirma Sílvia Almeida (2018), a abolição formal da escravatura não significou, de fato, liberdade plena e igualdade verdadeira para negros e negras ex-escravizados(as), haja vista que

[o]s diferentes processos de formação nacional dos Estados contemporâneos não foram produzidos apenas pelo acaso, mas por projetos políticos. Assim, as classificações raciais tiveram papel importante para definir as hierarquias sociais, a legitimidade na condução do poder estatal e as estratégias econômicas de desenvolvimento. (Almeida, 2019, p. 43.)

Em seguida, na quarta estrofe do poema “Vozes-Mulheres”, temos a voz do eu-lírico que ainda “ecoa versos perplexos/ com rimas de sangue/ e/ fome”. Aqui, entendemos que o eu-lírico nitidamente ainda enfrenta as consequências tenebrosas do racismo resultante da escravização. É por conta desse árduo

enfrentamento (e suas consequências dolorosas) que seus versos, prenhes de perplexidade, chegam a rimar sangue com fome.

A escrevivência é um fundamento norteador no poema “Vozes-Mulheres”, visto que a mulher negra tem voz e lugar de fala (Ribeiro, 2017); de modo que esse poema é emblemático dessa situação, na qual o eu-lírico aparece como uma mulher negra, rompendo com o silenciamento histórico típico da sociedade brasileira, construindo, assim, um discurso de afirmação e a exaltação dessas mulheres.

Por fim, nas duas últimas estrofes do poema “Vozes-Mulheres”, temos a voz da filha do eu-lírico que recolhe todas as vozes anteriores mais todas as vozes que sofrem e sofreram em meio a uma sociedade racista e patriarcal; isto é, a voz de sua filha recolhe todas “as vozes mudas caladas/ engasgadas nas gargantas”. Assim, embora o poema não aponte explicitamente para a opressão decorrente do machismo e do capitalismo, sabemos que, em nossa história e vida social, os fenômenos opressores (racismo, machismo e exploração econômica) estão conectados e se retroalimentam. Aliás, cabe aqui mencionar Angela Davis (2016), uma das mulheres mais proeminentes quanto aos estudos interseccionais e movimentos sociais que buscam combater as estruturas gerativas das assimetrias de gênero, raça e classe em todas as suas formas.

Para Davis (2016), ao abordar o racismo (suas causas e consequências), faz-se preciso considerar o machismo e a exploração econômica característica do capitalismo como fenômenos correlacionados; ou seja, como os três fenômenos estão conectados, uma abordagem mais qualificada deve levar em conta a interseccionalidade que os envolve. Nesse sentido, o livro de Davis (2016), intitulado *Mulheres, raça e classe*, reúne ensaios que fundamentam as origens das lutas feministas e antirracistas em bases materialistas e dialéticas, colocando em evidência os modos pelos quais as opressões entrelaçadas de gênero, raça e classe incidem sobre a subjetividade e o corpo das mulheres negras.

Retornando ao poema “Vozes-Mulheres”, vemos que a última voz (a voz da filha do eu-lírico) recolhe em si “a fala e o ato”, demonstrando mais protagonismo nas lutas contra as opressões supracitadas. Recolhe ainda “O ontem – o hoje – o agora”, apontando para a construção e o acúmulo de um conhecimento histórico sobre aquelas lutas. Desse modo, não obstante a permanência e quiçá o

fortalecimento de muitas opressões, o eu-lírico mostra que a voz de sua filha está mais preparada para o necessário combate, vociferando que “Na voz de minha filha/ se fará ouvir a ressonância/ O eco da vida-liberdade”.

Em suma, no poema “Vozes-Mulheres”, a voz poética tematiza as opressões decorrentes do racismo, da escravização, da diáspora africana e demais violências sofridas pelas mulheres negras de sua família. São versos que ressaltam o papel dinâmico das mulheres negras, que emergem detentoras das memórias coletivas de seu povo. São versos que tematizam as opressões sofridas por todas as mulheres negras do Brasil. Entendemos também que essas opressões continuam existindo, pois possuem a capacidade de se reconfigurar, de geração a geração, no sentido de se adaptarem às novas configurações sócio-históricas. Portanto, fazemos coro com Duarte (2007), para quem esse poema pode ser visto como uma espécie de manifesto-síntese da poética de Evaristo:

Os versos enfatizam a necessidade do eu poético de falar por si e pelos seus. Esse sujeito de enunciação, ao mesmo tempo individual e coletivo, caracteriza não apenas os escritos de Conceição Evaristo, mas da grande maioria dos autores afro-brasileiros, voltados para a construção de uma imagem do povo negro infensa dos estereótipos e empenhada em não deixar esquecer o passado de sofrimentos, mas, igualmente de resistência à opressão. (Duarte, 2007, p. 306.)

4 Os olhos das mulheres negras não adormecem

Sobre uma vertente da poesia negra, Luiz Silva, o Cuti (2010) entende-a relacionada à história e à dominação cotidiana que marcaram o corpo negro como objeto de uso do branco. Dessa forma, a via erótica da poesia negra atuaria no sentido de romper com essas formas de repressão física e psicológica. O poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres” mostra como a poesia de Evaristo se configura nesse cenário. Nesse poema de Evaristo, publicado originalmente no número 19 dos *Cadernos Negros* em 1996, há um contínuo processo de reconstrução identitária, no qual a voz poética exalta a força e a resistência das mulheres negras afrodescendentes:

A noite não adormece nos olhos das mulheres

Em memória de Beatriz Nascimento

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,

a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas-luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
Jamais nos olhos das fêmeas,
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada hora que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência. (Evaristo, 2017, p. 26.)

Todo o poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, consiste em uma exaltação à força e resistência das mulheres negras brasileiras. Primeiramente, cumpre lembrar a dedicatória desse poema à Beatriz Nascimento (Aracaju, 1942 – Rio de Janeiro, 1995), que foi uma intelectual e ativista pelos direitos humanos de afrodescendentes brasileiros, tornando-se uma referência nacional nos estudos sobre relações étnico-raciais. Aliás, Beatriz Nascimento foi uma das maiores intelectuais negras brasileiras. Historiadora, poeta e roteirista, ela pesquisou os quilombos como sistemas sociais alternativos criados por pessoas negras: da diáspora africana às favelas urbanas. Assim, enquanto mulher negra, nordestina e migrante, Beatriz enxergava a identidade negra como instrumento de autoafirmação racial, intelectual e existencial. Em uma de suas falas mais marcantes, ela denunciou o racismo epistêmico que separa razão e corpo de forma racializada.

Infelizmente, Beatriz Nascimento foi vítima de feminicídio aos 52 anos de idade, no Rio de Janeiro, ao tentar proteger uma amiga de um agressor. Sua produção intelectual foi reconhecida com o título póstumo de Doutora Honoris

Causa pela UFRJ. Seu excelente trabalho deve permanecer como um farol, lembrando-nos que pensar também é um ato negro. Não é à toa que Evaristo coloca essa dedicatória antes do poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, um dos primeiros do livro em estudo, pois a noite nunca adormeceu nos olhos de Beatriz; quer dizer, a perseverança e a resistência de Beatriz são representadas nesse poema como a perseverança e a resistência das mulheres negras brasileiras. Assim, tal dedicatória revela uns dos aspectos recorrentes da poesia de Evaristo, qual seja, uma postura eticamente comprometida com as lutas e as resistências dos(as) afrodescendentes brasileiros.

No poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, destacamos, inicialmente, a repetição significativa dos versos: “A noite não adormece/ nos olhos das mulheres”, que pode significar, no mínimo, dois fatos importantes: 1) na sociedade brasileira, não há descanso para as lutas das mulheres negras; e 2) como estão sempre em luta, essas mulheres são verdadeiras guerreiras que merecem nossa admiração. Ora, a repetição desses versos salienta que essa “noite” (que persegue e ameaça as mulheres) consiste nas garras das violências patriarcais, garras típicas da sociedade brasileira.

Na primeira estrofe desse poema, o eu-lírico revela que a lua fêmea vigia atentamente a nossa memória, indicando a importância de um passado histórico de lutas das mulheres negras afrodescendentes no Brasil – passado este que raramente é levado em conta por uma parcela significativa de nossa sociedade (governantes, artistas, mídia em geral etc.). Na segunda estrofe desse poema de Evaristo, ratifica-se a exaustão causada por essa vigília, pois “há mais olhos que sono/ onde lágrimas suspensas/ virgulam o lapso/ de nossas molhadas lembranças”. Aqui, essa condição indica que as memórias desse passado de luta, embora não devam ser apagadas porque necessárias para orientar nosso agir no presente e futuro, podem causar algum sofrimento que resultaria em choro e lágrimas. Na terceira estrofe desse poema, aponta-se para um alívio nas lutas dessas mulheres, causado pela possibilidade de elas se tornarem mães: “vaginas abertas/ retêm e expulsam a vida” – alívio este que é fortalecido pela aproximação com figuras da cultura africana (*Ainás, Nzingas, Ngambeles*), visto que estas afastam dos sofrimentos decorrentes daquelas lutas: “nossos cálices de lágrimas”.

Na última estrofe do poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, sintetizam-se a luta e a força das mulheres negras afrodescendentes do Brasil – lembrando que seu sangue (líquido lembradiço) é permeado de garra e bravura nas lutas atinentes ao universo feminino, haja vista que “em cada hora que jorra/ um fio invisível e tônico/ pacientemente cose a rede/ de nossa milenar resistência”. Por conseguinte, todo esse poema de Evaristo, sobretudo o último verso, frisa e enaltece a milenar resistência das mulheres negras afrodescendentes na sociedade brasileira.

5 Conclusão

Considerando o cenário sociopolítico do Brasil contemporâneo, a poesia lírica de Conceição Evaristo, uma mulher negra nesse contexto, é perpassada por algumas questões ligadas à construção da identidade negra afrodescendente. Logo, sua poesia aborda questões (percalços, dilemas e enfrentamentos) relacionadas à construção da identidade da mulher negra, trabalhando no sentido de instaurar uma retórica de resistências, o que acaba contribuindo para o desmantelamento dos estereótipos no imaginário brasileiro em torno dessa mulher. Desse modo, a partir da leitura de três poemas de Evaristo, quais sejam, “Para a menina”, “Vozes-Mulheres” e “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, percebemos a presença de algumas marcas do lugar de fala dessa poeta (mulher e negra no Brasil contemporâneo).

Em concomitância às análises desses poemas de Evaristo, frisamos que os *Cadernos Negros* foram de fundamental importância na carreira dessa poeta, haja vista que abriram espaço para escritores(as) negros(as) iniciantes, como era o caso de Evaristo. Logo, os *Cadernos Negros*, ao serem o espaço onde os três poemas aqui abordados foram publicados, consistem em uma relevante plataforma de incentivo e divulgação da poesia de escritores(as) afrodescendentes.

Nesse sentido, a partir da leitura desses poemas de Evaristo, podemos dizer que os mesmos propõem uma evidente revisão da história oficial do Brasil, contribuindo para a afirmação da identidade afro-brasileira e, consequentemente, contribuem para o empoderamento das mulheres negras

afrodescendentes. Por conseguinte, vimos que os poemas supracitados de Conceição Evaristo reconfiguram a identidade das mulheres negras afrodescendentes, porque adotam uma perspectiva afrocentrada. E, nessa reconfiguração, tais poemas contribuem para a reescrita da história dessas mulheres e do Brasil.

Referências

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.
- ALVES, Miriam. Cadernos Negros (número 1): estado de alerta no fogo cruzado. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares; FIGUEREDO, Maria do Carmo (orgs.). *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza; UCMinas, 2002.
- CUTI [Luiz Silva] (org.). *Cadernos negros 1*. São Paulo: Ed. dos Autores, 1978.
- CUTI [Luiz Silva]. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- CAMPOS, Cecy Barbosa. A poética de Conceição Evaristo. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida (org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres negras do Brasil. In: SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Mulheres negras do Brasil*. Rio de Janeiro, Brasil: Senac, 2007.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. Enegrecendo o feminismo. In: CARNEIRO, Aparecida Sueli. *Escritos de uma vida*. Prefácio: Conceição Evaristo, Apresentação Djamila Ribeiro – São Paulo: Pólen Livros, 2019.
- CERQUEIRA, Janice Souza. *Da literatura afro-brasileira à poesia afro-feminina de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Malê, 2022.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.) *História, teoria, polêmica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. In: ALEXANDRE, Marco Antônio (org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura, política e identidades*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. Da grafia desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: *Nossa Escrivivência*, [S. l.], 2005. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-umdos.html>. Acesso em: 21 maio. 2026.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódio de um racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MORAIS, Juliana Borges Oliveira de. Espaços e sujeitos contemporâneos: trânsitos e percursos. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (orgs.). *Escrivivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Idea, 2018, p. 61-70.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do Feminismo Negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOUSA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Heleine Fernandes de. Amor e afetividade na diáspora. In: SOUZA, Heleine Fernandes de. *A poesia negra-feminina de Conceição Evaristo*, Livia Natália e Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

[Artigo recebido em 17 de fevereiro de 2026 e aceito em 23 de abril de 2026.]

DOI: 10.22456/2236-6385.153681